

BREVE HISTÓRIA DA CAMPANHA DOS U-BOATS NO ATLÂNTICO, DURANTE A 1ª GRANDE GUERRA



Primeiro-Tenente Bruce Engle Fróes

Também conhecida como “Primeira Batalha do Atlântico” (em referência à campanha da Segunda Guerra Mundial de mesmo nome) foi um prolongado conflito naval entre as Marinhas Aliadas e os submarinos alemães em águas do Atlântico — os mares ao redor das Ilhas Britânicas, mar do Norte e a costa da França.

Inicialmente, a campanha dos *U-boats* foi dirigida contra a chamada Grande Frota Britânica. Posteriormente, a ação da frota de *U-boats* foi estendida para incluir a ação contra as rotas comerciais das potências aliadas. Esta campanha foi altamente destrutiva, e resultou na perda de quase metade da frota de Marinha Mercante da Grã-Bretanha, durante o curso da guerra. Para combater os submarinos alemães, os aliados passaram a empregar *Destroyers* em comboios; bloqueios, tais como a barragem de *Dover*; campos minados foram estabelecidos e aviões patrulhas monitoravam as bases de submarinos.

A campanha do submarino não foi capaz de cortar suprimentos antes que os EUA entrassem na guerra em 1917 e, no final de 1918, as bases de submarinos foram abandonadas, face ao avanço dos Aliados.

Os sucessos e os fracassos táticos da Campanha Submarina do Atlântico seriam usados, mais tarde, como um conjunto de táticas disponíveis na Segunda Guerra Mundial, em uma guerra submarina semelhante contra o Império Britânico.

1 PRIMEIRAS PATRULHAS

Em 6 de agosto de 1914, dois dias depois da Grã-Bretanha declarar guerra à Alemanha, os *U-boats* alemães U-5, U-7, U-8, U-9, U-13, U-14, U-15, U-16, U-17 e U-18 zarparam de sua base em Helgoland para atacar navios de guerra da Marinha Real Britânica no mar do Norte, nas primeiras patrulhas submarinas de guerra na história.

Os *U-Boats* navegaram ao norte, na esperança de encontrar esquadrões da Marinha Real Britânica entre Shetland e Bergen. Em 8 de agosto, um dos motores do U-9 quebrou e este foi forçado a retornar à base. No mesmo dia, fora da Ilha de Fair, o U-15 avistou os navios de guerra britânicos HMS Ajax, HMS Monarch e HMS Orion em manobras e disparou um torpedo no Monarch. O torpedo errou e conseguiu apenas colocar

os navios de guerra em alerta. Ao amanhecer, do dia seguinte, o Primeiro Esquadrão de Cruzeiros Leves, que foi em busca dos Encouraçados, entrou em contato com os *U-boats*, com o HMS Birmingham avistando o U-15, que estava na superfície. Não havia sinal de qualquer vigia no submarino e sons de percussão podiam ser ouvidos, como se a tripulação estivesse realizando reparos. O HMS Birmingham, imediatamente, alterou o curso e abalroou U-15 logo atrás de sua vela. O submarino foi cortado em dois e afundou.

Em 12 de agosto, sete submarinos

retornaram a Helgoland; o U-13 estava desaparecido, e acreditava-se que tinha sido minado. Apesar de a operação ter sido um fracasso, causou a Marinha Real algum mal-estar, refutando as estimativas anteriores sobre o raio de ação dos *U-boats* e deixando em aberto a questão da desprotegida segurança do porto da Grande Frota, em *Scapa Flow*. Por outro lado, a facilidade com que o U-15 havia sido destruído pelo HMS Birmingham incentivou a falsa crença de que os submarinos não ofereciam um grande perigo na superfície para os navios de guerra.



Figura 1: Mar do Norte.

2 OS PRIMEIROS SUCESSOS

Em 5 de setembro de 1914, o U-21, comandado pelo Tenente Otto Hersing fez história quando ele torpedeou o cruzador da Marinha Real Britânica HMS Pathfinder. A munição do Cruzador explodiu e o navio afundou em quatro minutos, levando 259 tripulantes com ele. Foi a primeira vitória de combate do submarino moderno.

Os *U-boats* alemães obtiveram ainda mais sorte em 22 de setembro. Nas primeiras horas da manhã deste dia, um vigia sobre o passageiro do U-9, comandado pelo Tenente Otto Weddigen, avistou um navio no horizonte. Weddigen ordenou o submarino para mergulhar imediatamente, e o submarino foi adiante para investigar. Aproximando-se, Weddigen descobriu três velhos cruzadores da Marinha Real, o HMS Aboukir, o HMS Cressy e o HMS Hogue. Esses três navios não eram meramente antiquados, mas eram compostos principalmente por reservistas e eram, tão claramente vulneráveis, que a decisão de baixa deles já havia subido pela burocracia do Almirantado. A ordem não veio a tempo para

os navios. Weddigen disparou um torpedo em Aboukir. Os comandantes do HMS Hogue e do HMS Cressy assumiram que Aboukir tinha atingido uma mina e foram para ajudar. O U-9 lançou dois torpedos no HMS Hogue e depois atingiu o HMS Cressy com mais dois torpedos, quando o cruzador tentava fugir. Os três cruzadores afundaram em menos de uma hora, matando 1.460 marinheiros britânicos.

Três semanas depois, em 15 de outubro, Weddigen também afundou o velho cruzador HMS Hawke, e os tripulantes do U-9 tornaram-se heróis nacionais. Cada um recebeu a Cruz de Ferro de 2ª Classe, exceto o Comandante Weddigen, que recebeu a Cruz de Ferro de 1ª Classe. Os naufrágios causaram alarde dentro do Almirantado Britânico, que estava cada vez mais nervoso sobre a segurança do porto de *Scapa Flow*, e a frota foi enviada aos portos na Irlanda e à costa oeste da Escócia até que defesas adequadas fossem instaladas em *Scapa Flow*. Isto, de certa forma, foi uma vitória mais significativa do que afundar alguns velhos cruzadores. A esquadra mais poderosa do mundo tinha sido forçada a abandonar sua base.

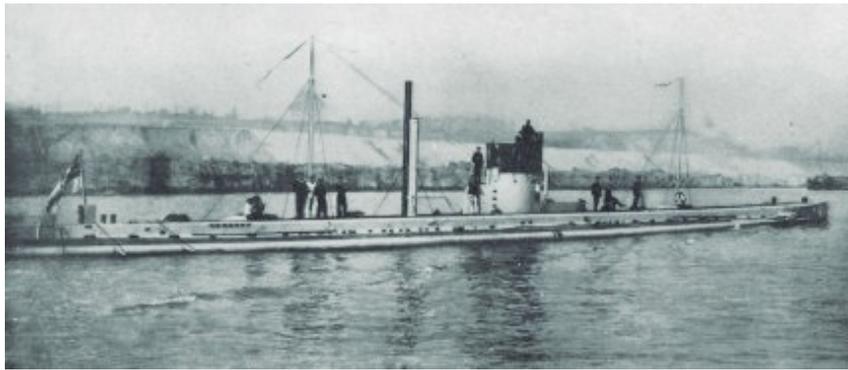


Figura 2: Submarino U-9.

3 FIM DA PRIMEIRA CAMPANHA

Estas preocupações foram bem fundamentadas. Em 23 de novembro, o U-18 penetrou *Scapa Flow* através de Hoxa Sound, seguindo um navio e adentrando o porto com pouca dificuldade. No entanto, a frota estava ausente, estando dispersa em ancoradouros na costa oeste da Escócia e da Irlanda. Quando o U-18 regressava para o mar aberto, seu periscópio foi avistado por um barco da guarda. A traineira *Dorothy Gray* alterou o rumo e bateu no periscópio, tornando-o imprestável. O U-18, em seguida, sofreu uma falha na máquina e o submarino tornou-se incapaz de manter a sua cota, sob risco de bater no fundo. Logo, seu Comandante foi forçado vir à superfície e afundou o seu comando. Exceto por um tripulante, todos foram resgatados por barcos britânicos.

O último sucesso dos *U-boats*, naquele ano, ocorreu em 31 de dezembro. O U-24 avistou o encouraçado britânico HMS *Formidable* em manobras no canal e o torpedeou. O HMS *Formidable* afundou, levando os 547 integrantes de sua tripulação. O Almirante Lewis Bayly foi criticado por não ter tomado as devidas precauções durante os exercícios, mas foi inocentado da acusação de negligência. Bayly, mais tarde, serviu com distinção como comandante das forças de guerra antissubmarino em Queenstown.

4 1915: INICIANDO-SE A GUERRA

4.1 Primeiros ataques a navios mercantes

Os primeiros ataques a navios mercantes começaram em outubro de 1914. Em 20 de outubro, SS *Glitra* tornou-se o primeiro navio

mercante britânico a ser afundado por um submarino alemão na Primeira Guerra. *Glitra*, navegando de Grangemouth a Stavanger, Noruega, foi parado e “inspecionado” pelo U-17, sob o comando do Kapitänleutnant Johannes Feldkirchener. A operação foi executada, em geral, em conformidade com as “regras de cruzador” (a tripulação foi ordenada para os salva-vidas antes de o navio ser afundado ao ter suas válvulas abertas).

Menos de uma semana depois, em 26 de outubro, o U-24 tornou-se o primeiro submarino a atacar um navio mercante desarmado sem aviso, quando este torpedeou o navio a vapor Almirante Ganteaume, com 2.500 refugiados belgas a bordo. Embora o navio não tenha afundado e tenha sido rebocado até Bolonha, 40 vidas foram perdidas, principalmente devido ao pânico. O Comandante do *U-boat*, Rudolf Schneider, alegou ter confundido o navio com um Transporte de Tropas.

Em 30 de janeiro de 1915, o U-20, comandado pelo Kapitänleutnant Otto Dröscher, torpedeou e afundou os navios a vapor SS *Ikaria*, SS *Tokomaru* e SS *Oriole*, sem aviso prévio. Em seguida, em 1º de fevereiro, disparou, porém errou, um torpedo no Navio-Hospital Astúrias; apesar de ser claramente identificável como um Navio-Hospital por sua pintura branca com faixas verdes e cruces vermelhas.

4.2 Guerra submarina irrestrita

Os britânicos acreditavam, antes da guerra, que o Reino Unido morreria de fome sem os suprimentos norte-americanos. W. T. Stead escreveu, em 1901, que, sem ele, “Devemos ficar cara a cara com a fome”. Em 4 de fevereiro de 1915, começou a primeira campanha irrestrita

contra o comércio Aliado. O submarino tinha várias deficiências para um “corsário” de comércio; sua baixa velocidade, mesmo na superfície, não era substancialmente superior a de muitos navios mercantes, enquanto seu leve armamento era inadequado contra navios maiores. Usar a arma principal do *U-boat*, o ataque sem aviso, usando torpedos, significaria abandonar o cuidado necessário para evitar prejudicar neutros.

No primeiro mês, 29 embarcações foram afundadas, totalizando 89.517 GRT (ou TAB, Tonelagem Bruta), um ritmo de destruição que foi mantido durante todo o verão. Com o aumento dos afundamentos, também aumentou o número de incidentes, politicamente, danosos. Em 19 de fevereiro, o U-8 torpedeou Belridge, um petroleiro neutro que viajava entre dois portos neutros. Em março, *U-boats* afundaram Hanna e Medeia, um cargueiro sueco e um cargueiro holandês; em Abril, duas embarcações gregas.

Ainda em março, Falaba foi afundado, com a perda de uma vida americana, e, em Abril, Harpalyce, um navio de socorro belga. Em 7 de maio, o U-20 afundou RMS Lusitania, causando 1.198 mortes, entre elas, 128 de cidadãos americanos.

Estes incidentes causaram indignação entre os neutros, e o escopo da campanha irrestrita foi diminuído, em Setembro de 1915, para diminuir o risco dessas nações entrarem em guerra contra a Alemanha.

Contramedidas britânicas foram, em grande parte, ineficazes. A medida defensiva mais eficaz talvez tenha sido aconselhar mercantes a guinar em direção ao submarino e tentar abalroá-lo, forçando-o a mergulhar. Mais da metade dos ataques contra navios mercantes por *U-boat* foi derrotada desta

forma. No entanto, esta resposta deu abertura para o submarino atacar sem aviso. Em março de 1915, essa tática foi usada pelo SS Bruxelas para escapar de um ataque pelo U-33. Por isso, seu Capitão Charles Fryatt, foi executado, após ser capturado pelos alemães, em Junho de 1916, provocando, assim, a condenação internacional.

Outra opção era armar navios para a autodefesa, que, de acordo com os alemães, colocava-os fora da proteção das “Regras de Cruzador”.

Outra alternativa também, era para armar e tripular “navios-armadilha”, com armas escondidas, os chamados *Q-Ships*. Uma variante dessa ideia foi equipar pequenas embarcações com uma escolta de submarino. Em 1915, três *U-Boats* foram afundados por *Q-Ships* e outros dois, pelos submarinos que acompanhavam as traineiras. Ainda em Junho, o U-40 foi afundado pelo HMS C24, enquanto atacava Taranaki, e, em Julho, o U-23 foi afundado pelo C-27, enquanto engajava o Princesa Louise. O U-36 foi afundado pelo *Q-Ship* Príncipe Charles, e, em Agosto e Setembro, U-27 e U-41 foram afundados por Baralong, no notório incidente Baralong.

Não havia, no entanto, meios para detectar os *U-boats* submersos e, ataques sobre eles limitavam-se aos esforços para danificar seus periscópios com batidas e soltar bombas de algodão-pólvora (Nitrocelulose).

5 1916: APOIO À FROTA DE ALTO-MAR

Em 1916, a Marinha Alemã voltou-se para uma estratégia de usar os submarinos para corroer a superioridade numérica da Grande Frota Britânica, encenando uma série de ações destinadas a atrair a Grande Frota

em uma armadilha de *U-boats*. Devido à baixa velocidade dos *U-boats*, em relação aos meios da Grande Frota Britânica, o meio seria implementar zonas de patrulha de submarinos e atrair a Grande Frota utilizando a Frota de Alto-Mar Alemã.

Várias dessas operações foram encenadas, em Março e Abril de 1916, mas sem sucesso. Ironicamente, a maior batalha ocorrida, a batalha da Jutlândia, em Maio de 1916, não teve nenhum envolvimento dos submarinos. As frotas se encontraram e engajaram, em grande parte, por acaso, e não havia patrulhas de submarino perto da zona de batalha. Uma nova série de operações, em Agosto e Outubro de 1916, foram, da mesma forma, infrutíferas, e a estratégia foi abandonada, em favor de continuar a guerra de corso.

6 1917: A RENOVADA GUERRA “IRRESTRITA”

Em 1917, a Alemanha decidiu retomar a plena guerra submarina irrestrita. Era de se esperar que isso levaria a América à guerra, mas os alemães apostaram que era possível derrotar a Grã-Bretanha dessa forma, antes que os EUA pudessem se mobilizar. Os planejadores alemães estimaram que, se a tonelagem afundada fosse superior a 600.000 toneladas por mês, a Grã-Bretanha seria forçada a pedir a paz depois de cinco ou seis meses.

Em fevereiro de 1917, submarinos afundaram mais de 414.000 GRT, em zona de guerra, em torno da Grã-Bretanha, 80% do total do mês; em Março eles afundaram mais de 500.000 (90%), em Abril, mais de 600.000 de 860.000 toneladas de arqueação bruta, o mais alto total de afundamentos da guerra. Isso, no entanto, foi o ponto máximo.

Em maio, os primeiros comboios foram introduzidos e, imediatamente, bem-sucedidos. Nos três meses após sua introdução, sobre as rotas do Atlântico, mar do Norte e Escandinávia, de 8.894 navios em comboios, apenas 27 foram perdidos para submarinos. Em comparação, 356 foram perdidos navegando escoteiro.

Como as perdas de transporte caíram, perdas de submarino subiram. Durante o período de maio a julho de 1917, 15 submarinos foram destruídos nas águas ao redor da Grã-Bretanha, em comparação com 9, no trimestre anterior e, 4 no trimestre antes da campanha ser renovada.

Ao passo que a campanha foi tornando-se mais intensa, também foi tornando-se mais brutal. O ano de 1917 viu uma série de ataques contra Navios Hospitais, que navegavam, em geral, totalmente iluminados, para mostrar seu status de não combatentes. Em janeiro, o HMHS Rewa foi afundado pelo U-55; em Março, o HMHS Gloucester Castle, pelo U-32; e em Junho, HMHS Llandoverly Castle pelo U-86.

À medida que os *U-boats* tornaram-se mais cautelosos, os encontros com *Q-ships* se tornaram mais intensos. Em fevereiro de 1917, o U-83 foi afundado pelo HMS Farnborough, mas só depois de Gordon Campbell, o Comandante do Farnborough, permitir ser torpedeado a fim de se aproximar o suficiente para engajar. Em março, Privet afundou o U-85 em uma batalha de 40 minutos, mas afundou antes de chegar ao porto. Em Abril, Heather foi atacado pelo U-52 e foi seriamente danificado; o submarino escapou ileso. E, alguns dias depois, Tulip foi afundado pelo U-62, cujo comandante suspeitou de sua aparência.

7 1918: O ÚLTIMO ANO

O sistema de comboios foi eficaz em reduzir as perdas de navios Aliados, enquanto que, melhores armamentos e táticas fizeram os escoltas serem melhor sucedidos em interceptar e atacar os *U-boats*. Perdas de meios nas águas do Atlântico eram de 98 navios (pouco mais de 170.000 GRT), em janeiro. Depois de um aumento, em fevereiro, as perdas caíram novamente, e não subiram mais que isso até o fim da guerra.

Em janeiro, 6 *U-boats* foram destruídos nesse Teatro; esta se tornou, também, a média de perdas neste último ano da guerra.

Os Aliados continuaram tentando bloquear o acesso através do Estreito de Dover, com a barragem de Dover. Até novembro de 1917, foi ineficaz; até então, só 2 submarinos haviam sido destruídos pela força da barragem, e a barragem em si tinha sido um ímã para os ataques de superfície. Após a grande melhoria no inverno de 1917, tornou-se mais eficaz; no período de quatro meses depois de meados de dezembro, sete submarinos foram destruídos tentando transitar pela área, e, em fevereiro, os navios da Frota de Alto-Mar abandonaram a rota, em favor de navegar pelo norte, em volta da Escócia, com uma consequente perda de eficácia. Os barcos de Flandres ainda tentaram usar a rota, mas continuaram a sofrer perdas e, depois de março, mudaram suas operações para a costa leste da Grã-Bretanha.

Outras medidas, particularmente contra a flotilha de Flandres, foram ataques em Zeebrugge e Ostend, uma tentativa de bloquear o acesso ao mar. Estes foram grandes fracassos. Os barcos de Flandres foram capazes de manter o acesso ao longo do período.

Maio de 1918 viu a única tentativa dos

alemães de reunir um grupo de ataque para combater os comboios Aliados, o precursor da Rudeltaktik (Alcateia).

Ainda em Maio, 6 *U-boats* navegaram, sob o Comando do Kapitänleutnant Rucker, no U-103. Em 11 de Maio, o U-86 afundou um dos dois navios destacados de um comboio no Canal, mas, no dia seguinte, o Navio de Transporte de Tropas RMS Olympic levou à destruição o U-103, enquanto o UB-72 foi afundado pelo submarino britânico HMS D4. Mais outros dois navios em comboios foram afundados, na semana seguinte, e três escoteiros, porém, mais de 100 navios atravessaram seguros os grupos de patrulha na área.



Figura 3: Capitão de Fragata Rucker.

Durante o verão, a extensão do sistema de comboio e a eficácia dos escoltas tornaram a costa leste da Grã-Bretanha tão perigosa para os submarinos quanto o Canal havia se tornado. Neste período, a flotilha de Flandres perdeu um terço de seus barcos, e, no Outono, as perdas foram de 40%. Em outubro, com o exército alemão em retirada, a flotilha de Flandres foi forçada a abandonar sua base em Bruges, antes que esta fosse invadida. Muitos submarinos foram afundados lá, enquanto que os demais, retornaram à base na Alemanha.

Ainda no verão, foram tomadas medidas para reduzir a eficácia das Flotilhas de Alto-Mar. Em 1918, os aliados, especialmente os americanos, comprometeram-se a criar uma barragem através do mar norueguês, para impedir o acesso de *U-boats* a abordagens ocidentais, pela rota do norte. Esta imensa tarefa envolveu estabelecimento e manutenção de campos minados e patrulhas em águas profundas ao longo de 300 milhas náuticas. A barragem de minas do Mar do Norte sofreu a colocação de mais de 70.000 minas, principalmente pela Marinha dos Estados Unidos, durante o verão de 1918. De setembro a novembro de 1918, 6 *U-boats*

foram afundados por esta medida.

Em julho de 1918, o SM U-156 navegou para Massachusetts e participou no ataque em Orleans por cerca de uma hora. Esta foi a primeira vez que o solo americano foi atacado pela artilharia de uma potência estrangeira desde o Cerco do Fort Texas, em 1846. Foi este um dos dois lugares na América do Norte a sofrer ataque dos Impérios Centrais. O outro lugar foi na batalha de Ambos Nogales, que, alegadamente, foi liderada por dois espões alemães.

Em 11 de novembro de 1918, a 1ª Guerra Mundial terminou. A última tarefa do braço dos *U-Boats* foi ajudar a sufocar o motim de Wilhelmshaven, que estourou quando a Frota de Alto-Mar foi ordenada para o mar para um ataque final, condenado. Depois do armistício, os *U-boats* restantes se juntaram à Frota de Alto-Mar em sinal de rendição.

Das 12 milhões e meia de toneladas de navios Aliados destruídos, durante a Primeira Guerra Mundial, mais de 8 milhões de toneladas, dois terços do total, foram afundadas nas águas da zona de guerra do Atlântico. Dos 178 *U-boats* destruídos durante a guerra, 153 tinham sido das forças do Atlântico, 77 da, muito maior, Frota de Alto-Mar e 76 da, muito menor, frota de Flandres.

Ano	Navios Afundados (Frota de Alto-Mar)	Tonelagem	Navios Afundados (Flandres)	Tonelagem	U-boats Destruidos (FAM)	U-boats Destruidos (Flandres)
1914	3	2,950	N/A	N/A	5	N/A
1915	390	700,782	131	90,295	11	2
1916	350	508,745	512	604,151	7	12
1917	Não registrado	2,895,983	Não registrado	1,607,389	29	31
1918	435	1,044,822	327	558,760	25	31

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Grey, Edwyn (1972). *The Killing Time: The U-boat war, 1914–18*. London: Seeley. ISBN0-85422-070-4.
- Halpern, Paul (1995). *A Naval History of World War I*. New York: Routledge. ISBN1-85728-498-4.
- Holwitt, Joel I. "Execute Against Japan", PhD dissertation, Ohio State University, 2005.
- Kemp, Paul (1997). *U-Boats Destroyed*. London: Arms and Armour. ISBN1-85409-515-3.
- McKee, Fraser M. "An Explosive Story: The Rise and Fall of the Depth Charge", in *The Northern Mariner*(III, #1, January 1993), pp.45–58.
- Messimer, Dwight (2001). *Find and Destroy: Antisubmarine Warfare in World War I*. Annapolis: Naval Institute. ISBN1-55750-447-4.
- Prendergast, Maurice; R.H. Gibson (2002). *The German Submarine War, 1914–1918*. Penzance: Periscope Publishing. ISBN1-904381-08-1.
- Tarrant, V.E. (1989). *The U-Boat Offensive 1914–1945*. London: Arms and Armour. ISBN0-85368-928-8.